



# NOSSA CLASSE

Pela organização independente dos trabalhadores!  
Sob o programa da revolução proletária!

Boletim Sindical do Partido  
Operário Revolucionário

Ano XVI - novembro 2020

(11) 99990 3179

nossa.classe@hotmail.com

www.pormassas.org

## Política operária

A maioria dos trabalhadores votou nas eleições municipais. Mas, sabe que não haverá mudança a seu favor. E quem imagina que os novos prefeitos vão atender as necessidades dos bairros operários e populares está iludido pelas mentiras dos partidos burgueses. Enfim, as eleições passaram, e o que nos sobra é lutar com nossas próprias forças.

O governo Bolsonaro diz que a economia começou a crescer, e que tudo vai voltar ao normal. Uma de suas ações é acabar com o auxílio emergencial. Se isso ocorrer, milhões de famílias, que já viviam na miséria, sofrerão ainda mais. Estamos sentindo na pele a alta do custo de vida. Para muitos, os salários não alcançam o final do mês. O pior dos mundos está sendo para os milhões de desempregados e subempregados. Sem um salário, e com um custo de vida nas alturas, aumentarão a miséria e a fome.

Os ricos, no entanto, ficam mais ricos. Os patrões ganham com o desemprego, valendo-se da concorrência entre os trabalhadores, que procuram uma vaga de trabalho. Os governos ajudam os patrões impondo a reforma trabalhista, a lei da terceirização e a reforma da Previdência. Os banqueiros usam a dívida pública, para especular com os juros. Os exploradores aproveitaram a pandemia para demitir, reduzir salários e quebrar direitos. Bolsonaro prepara para privatizar os Correios, Eletrobrás e Petrobrás.

O que trará mais demissões e aumento de tarifas. É essa situação que a classe operária tem de enfrentar. É preciso exigir que as direções sindicais convoquem as assembleias, e organizem um movimento pelos empregos, salários, direitos e saúde pública.

***O Boletim Nossa Classe defende:***

***Diante do desemprego massivo***, a resposta operária é redução da jornada sem redução dos salários, estabilidade no emprego, e escala móvel das horas de trabalho (divisão das horas nacionais entre todos os trabalhadores); constituir comitês de empregados e desempregados.

***Diante da alta do custo de vida***, reposição de todas as perdas salariais, salário mínimo vital, e escala móvel de reajuste, de acordo com a elevação do custo de vida.

***Diante do parasitismo financeiro e do saque imperialista***, estatização e nacionalização, sob o controle operário.

Essa plataforma de reivindicações permite organizar um movimento unitário, em todo o país, contra o avanço da fome e miséria, e rechaçar os novos ataques do governo e da burguesia. Basta que os sindicatos, centrais e movimentos convoquem assembleias, e impulsionem a organização independente, para que se reinicie o movimento de resistência dos explorados.

## A terceirização afeta todos os trabalhadores Pela efetivação dos terceirizados

A terceirização, que já era nefasta para a classe operária, ficou pior, com a aprovação da lei da terceirização, pelo governo de ditadura civil de Temer, em março de 2017. Sua aprovação permitiu aos patrões terceirizar todas as atividades da empresa. O governo, deputados e senadores, corruptos defensores da proposta, mentiram, dizendo que, com sua aprovação, seriam criados mais empregos. O fato é que o desemprego aumentou. Hoje, já somos mais de 14 milhões de desempregados.

Ao terceirizar os postos de trabalho, os patrões reduzem seus custos, dividem os trabalhadores, e pre-

carizam as condições de trabalho, reduzindo salários e direitos. Os trabalhadores terceirizados recebem, em média, 1/3 do salário dos trabalhadores efetivos.

O Nossa Classe faz uma campanha permanente nas fábricas contra a terceirização. Ao receber o boletim Nossa Classe, alguns companheiros dizem que o problema não é com ele, ou que não será afetado. Esse é um grave erro, companheiros. Para os patrões, nós, trabalhadores, somos uma peça a mais da máquina, que ele troca quando quebra, ou que ele não mais necessita. Não nos enganemos. Manter seu lucro é a única preocupação dos patrões. Para isso, eles não hesitam em

demitir, terceirizar, reduzir salários e direitos.

Companheiros, o patrão, ao contratar os terceirizados, acaba reduzindo também os salários dos efetivos. A redução geral do valor da força de trabalho resulta da concorrência entre os próprios trabalhadores, à procura de um emprego. Os terceirizados, concorrendo com

os efetivos, recebem menos, e assim os patrões podem também desvalorizar os salários dos efetivos. Está aí por que, para se defenderem os salários, é preciso acabar com a terceirização, e lutar contra o desemprego.

**O Boletim Nossa Classe defende: 1) fim da terceirização; 2) trabalho igual, salário igual.**

## Fim do trabalho intermitente

A reforma trabalhista atingiu profundamente as condições de trabalho dos explorados. Uma das mudanças foi a implantação do chamado “trabalho intermitente”. O trabalhador recebe de acordo com o número de horas trabalhadas. Assim, não tem uma jornada semanal fixa. Não tendo a jornada fixa, não tem um salário fixo. Não tendo jornada e salário fixos, dificulta imensamente a aposentadoria. E, caso se aposente, o salário mal dará para viver.

Companheiro, o trabalho intermitente e a terceirização são duas formas que os capitalistas encontraram para aumentar a exploração, e reduzir os seus gastos com a força de trabalho. O movimento operário e sindical está atrasado, na luta contra o aumento da exploração capitalista do trabalho, e contra o empobrecimento geral da classe operária e demais trabalhadores. As direções sindicais vendidas ao patronato dizem que o problema é que o trabalho intermitente deve fazer parte da “convenção coletiva”. Devemos rechaçar esses vendidos, dizendo: o trabalho intermitente leva às últimas consequências a exploração capitalista do trabalho. Abaixo o trabalho intermitente!

**O Boletim Nossa Classe condena o trabalho intermitente. Exige que as direções sindicais convoquem as assembleias para discutir: 1) trabalho intermitente. 2) terceirização; 3) demissões; 4) desemprego e subemprego; 5) unidade entre efetivos, terceirizados e intermitentes, entre empregados e desempregados; 6) organização de um movimento local, regional e nacional, em defesa da força de trabalho, e contra a reforma trabalhista.**

## NÃO AOS DESPEJOS DE MORADORES! Regularização imediata dos terrenos ocupados

Nem bem passaram as eleições, e os prefeitos retomam as ações de despejos. É o caso da região do Grande Alvarenga, em São Bernardo do Campo. O prefeito Orlando Morando, PSDB, autorizou notificar centenas de famílias do despejo, que vivem na Ocupação Vila União, que existe há mais de 20 anos. A Prefeitura havia se comprometido, há muito anos, a construir habitações populares, e assim resolver o conflito com a “Empresa Metropolitana de Águas e Energia (EMAE). Agora, o prefeito reeleito descumpra a promessa e retoma a ordem de despejo policial. Os moradores iniciaram um movimento pela permanência e construção de unidades populares.

Sabemos que as ocupações existem porque as famílias não podem pagar aluguel. Ou vão viver nas ruas, ou ocupam terrenos e constroem barracos. É a pobreza e a miséria, de um lado, e a enorme riqueza nas mãos de uma minoria, por outro, que criam uma situação tão bárbara para a família de trabalhadores. Os sindicatos e movimentos populares deviam se unir, em defesa do direito à moradia a todos, e por emprego e salário.

**O Boletim Nossa Classe apóia a luta dos moradores da Ocupação Vila União. Chama os operários e demais trabalhadores a exigirem que os sindicatos organizem a defesa dos oprimidos contra o despejo policial. Que façam um levantamento de todas as ocupações, e façam uma campanha com unidade pela construção de moradias populares.**

## Em defesa do trabalho das mulheres

Inúmeras operárias dizem que cada vez está mais difícil o seu trabalho. O seu salário é menor que a dos homens, apesar de fazerem a mesma coisa. A terceirização vem crescendo entre as mulheres. O desemprego também é maior. Além de tudo isso, em casa, as mulheres estão obrigadas a arcar com a maior parte do trabalho doméstico e do cuidado com os filhos. Algumas reclamaram ao Boletim Nossa Classe que não tinham tempo para nada, muito menos para ir ao sindicato. É claro que essa reclamação tem um pouco de despolitização, apesar das enormes dificuldades das trabalhadoras. Relatamos isso para mostrar que a única maneira de enfrentar a diferenciação salarial, os baixos salários, a dupla jornada de trabalho (trabalho na fábrica e trabalho doméstico), e a discriminação contra a mulher, é organizar a luta coletiva.

**O Boletim Nossa Classe defende: 1) fim de toda discriminação contra a mulher; 2) trabalho igual, salário igual; 3) jornada de trabalho menor para as mulheres; 4) proteção à maternidade, garantindo direitos especiais às mães trabalhadoras; 5) obrigatoriedade dos governos garantirem creches.**

Esse é o ponto de partida para defender a mulher operária e fortalecer a luta da classe operária como um todo.